

A geração da afeição a Cristo
Apontamentos da meditação de Julián Carrón
durante o Tríduo Pascal de 2021 dos universitários de Comunhão e Libertação
por vídeo conferência

Quinta-feira Santa, 1 de abril de 2021

- *Al mattino*
- *Ballata dell'uomo vecchio*

Todas as manhãs recomeça o drama da vida, como acabámos de ouvir: «De manhã, Senhor, de manhã / a minha ânfora está vazia na fonte» (A. Mascagni, «Al mattino», em *Cancioneiro*, Comunhão e Libertação, p. 246), ou seja, toda “cheia” de desejo, de um desejo premente de realização, como cada um de nós hoje.

Este desejo esbarra numa experiência que se impõe: «A tristeza que habita em mim, o amor que não habita / têm mil séculos» (C. Chieffo, «Ballata dell'uomo vecchio», em *Cancioneiro*, op. cit., pp. 253-254). Foi o que testemunharam alguns finalistas do liceu com quem conversei na semana passada. Diziam: «A minha vida está a apagar-se lentamente»; «O entusiasmo inicial está um pouco apagado, já não encontro em mim o ímpeto que tinha»; «Estou completamente apático. Nada me toca, nada me atrai»; «Tenho dificuldade em apreciar as coisas. Há interesse, mas dou-me conta de que este não prevalece sobre a dificuldade». Não têm ainda vinte anos, mas estão já envolvidos numa luta sem quartel com o nada.

Aquilo que vemos acontecer na experiência mostra que o eu, o nosso eu, é o cruzamento entre o ser e o nada. É uma alternativa que os génios literários descreveram de forma fascinante. «A compensação por ter sofrido tanto é que depois morremos como cães» (C. Pavese, *Il mestiere di vivere*, Einaudi, Turim 1952, p. 54), observa Pavese. Por outro lado, com uma perceção diametralmente oposta da existência, Ada Negri escreve: «Não há momento / que não fique gravado em nós com a força / dos séculos; e a vida tem, em cada batimento, / a tremenda medida do eterno» (A. Negri, «Tempo», in Id., *Mia giovinezza*, Bur, Milão 2010, p. 75).

Quer queiramos, quer não, a alternativa entre estas duas possibilidades introduz-se nos nossos dias quando estamos ainda debaixo dos cobertores, assim que abrimos os olhos. Diz respeito a cada um de nós. Mais ou menos conscientemente, cada manhã todos tomamos uma decisão, num sentido ou no outro: morrer como cães ou viver segundo a medida do eterno. Quem não se contenta em morrer como um cão tem em consideração as perguntas que vê explodir em si, como demonstravam os finalistas que acabei de citar. Há neles uma urgência de vida que se torna grito: «O que é que pode verdadeiramente destruir o tédio, a apatia, e fazer-me recomeçar a viver?»; «Como é que faço para desfrutar do estudo e das aulas mesmo quando não prevalece o interesse, mas sim a dificuldade ou a tristeza?»; «Como é que posso ter o coração aberto mesmo nas dificuldades?». A luta deles, tal como a nossa, é uma luta por um desejo de vida que nada pode eliminar das fibras do nosso ser.

E então percebe-se que o problema não é multiplicar discursos ou propósitos, mas ver se há alguma coisa capaz de nos resgatar do nada que invade as nossas vidas. O que é que é capaz de vencer a apatia, o desinteresse, a tristeza, o apagamento da vida, numa palavra, a morte? Os pensamentos e os discursos são impotentes. Só a vida pode desafiar o nada que se infiltra nos nossos dias e a tentação de nos abandonarmos a ele! Atenção, porém, para não nos confundirmos, porque «a vida» pode ser uma expressão vazia. Não podemos pensar que nos safamos repetindo palavras.

Tentemos perguntar-nos: onde é que vimos florescer a vida em toda a sua intensidade? Quando é que a captámos? Detenhamo-nos a olhar com atenção para aquilo que nos aconteceu: o que é que despertou em nós a vida? Quem é que introduziu em nós a semente de uma vida diferente, entusiasmante? É isto que cada um é chamado a identificar: é preciso reconhecer o que é que desafiou e desafia o nada em nós, hoje! Convido-vos por isso a pensar, no início destes dias – é esta a luta em que estaremos imersos –, se e quando é que a vida explodiu e explode em nós. Todos temos já

experiência suficiente para saber que qualquer esforço da nossa parte é, em última instância, impotente para nos proporcionar uma vida capaz de contrastar a morte. Por outro lado, confirmando isto, especialmente hoje, os argumentos lógicos não movem e já não convencem ninguém, bem como as exortações. Que discurso, ainda que verdadeiro, ou apelo moral, ainda que justo, tem a capacidade de chegar ao âmago do eu, derrotando aquele vazio de significado em que caímos tão facilmente – e, tantas vezes, inconscientemente?

De há dois mil anos, ecoa um anúncio: Deus enviou ao mundo o seu Filho para desafiar o nada. De que modo? O génio de Péguy, que desde sempre acompanha esta nossa Semana Santa, expressou isto numa forma insuperável: Jesus «não perde os seus anos a gemer e a interpelar a maldade dos tempos. Ele corta a direita. Dum modo muito simples. Fazendo o cristianismo. Ele não se põe a incriminar, a acusar ninguém. Ele salvou. Não incriminou o mundo. Ele salvou o mundo» (cfr. Ch. Péguy, *Dialogo della storia con l'anima carnale (o Véronique)*, in Id., *Lui è qui. Pagine scelte*, Bur, Milão 2009, p. 110). Como é que salvou? Como é que venceu o nada? Com a vida. «Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10,10). «Quem tem o Filho de Deus tem a vida; quem não tem o Filho também não tem a vida» (1Jo 5,12). Ninguém tinha nunca conseguido desafiar o nada com a superabundância de uma vida; não em abstrato, portanto, não com raciocínios, não com auspícios, mas no terreno concreto da experiência humana. Ao fazê-lo, Cristo demonstrou conhecer melhor do que nenhum outro a expectativa desmesurada do coração do homem, a sua natureza. Provam-no as Suas palavras: «Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida? Ou que poderá dar o homem em troca da sua vida?» (Mt 16,26).

Cristo conhecia bem a profundidade do nosso desejo e o abismo da nossa fraqueza, a nossa facilidade em mergulhar no vazio, em irmos contra nós mesmos, e também sabia bem que não bastariam palavras para desafiar aquele vazio, para satisfazer a urgência do desejo. Só uma superabundância de vida poderia atrair o homem e convencê-lo a não se abandonar ao nada. É esta superabundância que Ele veio trazer, o conteúdo da Sua proposta. Pensemos na Samaritana no poço: ninguém, como aquele homem, tinha alguma vez conseguido captar a sua sede sem limites, que as suas numerosas tentativas não tinham sido capazes de aplacar; ninguém tinha alguma vez sonhado em afirmar toda a dimensão do seu desejo, em assegurar a sua satisfação: «Quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede» (Jo 4,14).

A proposta que Cristo nos dirige é tão impossível de imaginar da nossa parte que Ele próprio nos colocou nas mãos o critério para verificar a sua verdade na nossa experiência: «Quem me segue terá o cêntuplo já aqui» (cf. Mt 19,29), ou seja, poderá ver a vida explodir cem vezes mais, irá atravessar as provações que se apresentarão numa forma cem vezes mais humana: o nada perde toda a sua força mal a «Vida» se abeira da sua vida. Reconhecer esta presença é fácil: quando entra no horizonte da nossa experiência, ela suscita uma correspondência ao coração que parecia impossível. Como aconteceu a João e André: assim que O viram, experimentaram uma correspondência sem igual e ficaram presos a Ele. É simples reconhecê-Lo, hoje como no início.

Desde então, a vida tem um nome: Cristo. «*É a vida da minha vida, Cristo*. Nele se reúne tudo aquilo que eu queria, tudo aquilo que eu procuro» (*L'uomo e il suo destino. In cammino*, Marietti 1820, Génova 1999, p. 57), dizia Giussani. Mas esta vida que Cristo veio trazer, como é que chega até nós? Como é que nos alcançou e atraiu, a mim e a ti? Através da graça dada a um, *don* Giussani, portanto através do seu «ímpeto de vida», da sua «febre de vida»! É isto o carisma, dado a um para nós hoje: um ímpeto de vida. «Sinto-me portador de um ímpeto de vida e, por isso, precisamente, de um carisma. [...] Tudo aquilo que ele suscita é um espanto ainda maior do que o próprio início» (L. Giussani, «Laico, cioè cristiano», in *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, a cura di C. Di Martino, EDIT-II Sabato, Roma 1993, pp. 51-52). Foi isto que me conquistou ao encontrar o Movimento, tal como vos conquistou a vocês.

O Movimento é «um Acontecimento [...], não uma organização [...], és tu que estás em jogo». Estamos em jogo, tu e eu. O Movimento é para «mobilizar a vida e a converter»; por isso, trata-se de «se identificar com uma experiência, com uma realidade, com uma pessoa viva. [...] O resto é

sentimentalismo e intimismo» (L. Giussani, citado em A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, p. 501). Se esta experiência de vida não cresce, ninguém nos convencerá, e então pertencer ao Movimento passará a ser pertencer a uma associação. Mas que interesse poderá isto ter para nós diante do desafio do nada?

Nestes tempos, repetimo-nos muitas vezes que numa sociedade como a nossa «não se pode criar nada de novo a não ser com a vida: não há estrutura, nem organização ou iniciativas que resistam. Só uma vida diferente e nova pode revolucionar estruturas, iniciativas, relações, em suma, tudo» («Movimento, “regra” de liberdade», por O. Grassi, *Litterae communionis-CL*, n. 11/1978, p. 44). Uma vida diferente e nova: quando lhe pertencemos, ela renasce em nós e comunica-se, como ouvimos de dois de vocês na nossa Diaconia e depois na Escola de Comunidade. No grande pátio da universidade, um rapaz ouve falar duas estudantes como ele, fica curioso, detém-se, escuta, depois aproxima-se e diz: «Desculpem se vos incomodo, interrompo-vos só porque percebi que estavam a falar de filosofia. Eu sou aluno de filosofia e nunca ouvi falar assim de filosofia! Dum modo tão interessante». Só uma vida pode atrair uma pessoa hoje, até um que passa ao lado e simplesmente toca na «fimbria do manto» de um diálogo. Outro de vocês é calorosamente convidado pelo seu adversário político de extrema esquerda a apresentar-se às eleições. «Por que é que queres que eu me apresente?». «Por causa da amizade que tu sabes gerar com toda a gente». Uma vida! A mesma vida testemunhada por uma médica chilena – com quem estive este fim de semana no encontro dos responsáveis do Movimento da América Latina – que consegue convencer uma cigana a deixar tratar a filha. Aquela mãe fica de tal maneira impressionada com ela, que na consulta seguinte leva consigo todo o seu grupo de ciganos. Uma vida! Nem mesmo os ciganos, que habitualmente ficam fechados no seu grupo, conseguem resistir.

O que é que pode induzir as pessoas a abrir-se desta maneira? Todos estes factos não teriam acontecido, seria impossível até mesmo imaginá-los, se não houvesse um lugar, uma companhia fixada por Deus onde as palavras não são ocas, mas cheias de uma vida e de um entusiasmo tais que nos atraem a nós e aos outros.

A luta em que estaremos imersos nestes dias, então, é a luta entre o nada e Cristo. Todas as manhãs optamos ou por Cristo, que dá a vida por nós – «Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15,13) – ou pelo nada. Mas, atenção, Cristo é uma presença agora. É disto que fazemos memória na Quinta-feira Santa, dum facto que permanece presente na história, entra na nossa vida e a desafia: não é uma recordação do passado, uma simples lembrança; seria, se a «Vida» não nos alcançasse no presente. É só porque Cristo nos alcança e nos atrai agora que pode gerar aquela afeição que nos liberta de sermos atirados dum lado para o outro.

«Chegou um momento», dizia *don* Giussani, «em que a afeição entre nós tem um peso específico imediatamente maior do que uma lucidez dogmática, a intensidade de um pensamento teológico ou a energia de uma condução. A afeição que é necessário termos entre nós tem um único ponto de comparação [uma única urgência]: a oração, a afeição a Cristo». Se a afeição entre nós não gera a afeição a Cristo, vencerá o nada; podemos até estar juntos, mas seremos atirados dum lado para o outro, seremos como uma pedra arrastada pela torrente. Por isso, continuava Giussani, «chegou o momento em que o Movimento [isto é, a vida] caminha exclusivamente por força da afeição a Cristo que cada um de nós tem, que cada um de nós pede ao Espírito para ter» («Corresponsabilidade», *Litterae communionis-CL*, n. 11/1991, p. 32).

Peçamos então ao Espírito esta afeição a Cristo, peçamo-la a todos os instantes, ao longo da manhã, acompanhando o gesto através do qual *don* Giussani nos introduz no drama da escolha entre Cristo e o nada.

Não permitas, Cristo, que nos separemos de ti! «Escuta-me! Fica ainda aqui, / repete-me ainda a tua palavra. / Repete-me aquela palavra que / um dia me disseste / e que me libertou» (C. Chieffo, «Ballata dell’uomo vecchio», em *Cancioneiro*, op. cit., pp. 253-254).

Sexta-feira Santa, 2 de abril de 2021

- *Il monologo de Giuda*
- *Non son sincera*

«Não foi pelos trinta dinheiros, / mas pela esperança que / ele, naquele dia, / tinha suscitado em mim» (C. Chieffo, «Il monologo di Giuda», em *Cancioneiro*, op. cit., p. 276). Estas são as conotações do drama em que vamos imergir esta manhã. Não teria havido nenhum drama se Cristo não tivesse suscitado em Judas a esperança. Mas é o drama que se desenvolve entre Cristo e cada um de nós. Em que consiste?

Cristo, vimos ontem, veio para nos trazer a vida que nos arranca do nada, do abatimento, da perda de interesse, da apatia, da morte. Hoje iremos assistir à luta que se desenrola naquela encruzilhada entre o ser e o nada que é o nosso eu, a luta contra Cristo, para arrancar Cristo da terra dos vivos. «Vinde, [...] arranquemo-Lo da terra dos vivos!» (Responsori, *Eram quasi Agnus*, in *È possibile vivere come Gesù*, Semana Santa Páscoa CLU 2021, p. 50). O poder laico (Pilatos) e o clerical (o sumo sacerdote) de então aliaram-se nesta luta. A genialidade de Péguy consiste em ter identificado o lugar em que ela, em última instância, se desenvolve: o nosso eu, o eu de cada homem.

Ambos os poderes tentavam arrancá-Lo da terra dos vivos porque Ele, a Sua presença que salva, põe em risco o seu poder. Mas esta luta que se trava na grande tela da história reflete uma outra luta que se está a travar noutra sítio, ou seja, no eu de Pedro e de Judas. Não é só o poder constituído que resiste. Também nós, tantas vezes – influenciados pela mentalidade dominante – resistimos, quando Aquele que reconhecemos como correspondente às expetativas do coração entra em contraste com a nossa medida: não, atenção, com a razão na sua originalidade, como abertura à totalidade da realidade, que floresceu em nós graças à esperança que Ele suscitou, mas com a razão entendida como medida, com os nossos esquemas. A luta é entre a medida de Pedro e a medida sem medida d’Aquele que fascinou a sua vida desde o início: «Desde o primeiro encontro, Ele encheu toda a sua alma», o seu coração ficou todo cheio d’Ele. Com a Sua presença no olhar, na contínua memória d’Ele, Pedro «olhava para a mulher e para os filhos, para os colegas de trabalho, para os amigos e os estranhos, os indivíduos e as multidões, e pensava e adormecia. Aquele Homem tinha-se tornado para ele numa grande, imensa revelação ainda não esclarecida» (L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019, p. 92). E será este o trabalho de Pedro. Estando com Ele, dia após dia, Pedro viu toda a sua vida desafiada por uma medida que não era a sua.

Aquela Presença superava-o por todos os lados, e quando Pedro se abria a ela, então a sua razão era conduzida ao seu ápice. Jesus levava o seu amigo Pedro para lá da sua medida, ou seja, gerava-o noutra medida. «Ao chegar à região de Cesareia de Filipe, Jesus fez a seguinte pergunta aos seus discípulos: “Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?”. Eles responderam: “Uns dizem que é João Baptista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas”. Perguntou-lhes de novo: “E vós, quem dizeis que Eu sou?”. Tomando a palavra, Simão Pedro respondeu: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo” [Aquele que traz a vida]. Jesus disse-lhe em resposta: “És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está no Céu. Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela”» (Mt 16,13-18). Este reconhecimento – que se chama «fé» – «floresce no limite extremo da dinâmica racional como uma flor de graça, à qual o homem adere com a sua liberdade» (L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 41).

Mas quando prevalecia a sua medida, Pedro errava com gravidade. Logo a seguir a ter pronunciado as palavras citadas, quando Jesus começa a dizer-lhe que deve ir para Jerusalém e sofrer muito por obra dos anciões e dos chefes dos sacerdotes, Pedro reage: «Deus não o queira!». Mas Jesus, o seu Amigo grande, não recua nem um milímetro, não segue nem por um instante a sua medida: «Afasta-

te, Satanás! Tu és para mim um estorvo, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens!» (Mt 16,21-23). Esta é a verdadeira amizade! Tudo o resto é conversa!

Jesus desafia constantemente a medida de Pedro. «Então, os judeus, exaltados puseram-se a discutir entre si dizendo: “Como pode Ele dar-nos a sua carne a comer?!”. [...] Muitos dos seus discípulos [tendo as palavras de Jesus superado a sua medida] [...], disseram: “Que palavras insuportáveis! Quem pode entender isto?”. [...] A partir daí, muitos dos seus discípulos voltaram para trás e já não andavam com Ele. Então, Jesus disse aos Doze [não os poupa ao desafio]: “Também vós quereis ir embora?”. Respondeu-lhe Simão Pedro: “A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna! Por isso nós cremos e sabemos [pela experimentada correspondência ao coração] Tu é que és o Santo de Deus”. Disse-lhes Jesus: “Não vos escolhi Eu a vós, os Doze? Contudo, um de vós é um diabo”. Referia-se a Judas, filho de Simão Iscariotes, pois esse é que viria a entregá-lo, sendo embora um dos Doze» (Jo 6,52.60.66-71). Ao contrário do traidor, a Pedro, precisamente pela força da correspondência experimentada – ainda que, como os outros, não perceba as palavras que Jesus tinha dito na sinagoga –, não passa sequer pela antecâmara do cérebro afastar-se d’Ele. Dizendo: «A quem iremos?», Pedro adere não porque percebe tudo, mas graças àquela correspondência única, que lhe permite segui-Lo mesmo quando ainda não compreende.

Assistimos à descrição disto ontem, no lava-pés: «Jesus, sabendo perfeitamente que o Pai tudo lhe pusera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava, levantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura. Chegou, pois, a Simão Pedro. Este disse-lhe: “Senhor, Tu é que me lavas os pés?”. Jesus respondeu-lhe [é este o ponto]: “O que Eu estou a fazer tu não o entendes por agora, mas hás-de compreendê-lo depois”». Pedro recebe nesse momento o maior desafio. À afirmação rotunda de Pedro: «Não! Tu nunca me hás-de lavar os pés!» – Pedro não tem meias medidas! – Jesus sobe a parada até ao limite, sem atenuar o desafio: «Se Eu não te lavar [os pés], nada terás a haver comigo». Diante de tal promessa, Pedro rende-se: «Ó Senhor! [se pões as coisas nesses termos, então] Não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!» (Jo 13,3-9). O que é que vence nele, a ponto de o levar a fazer uma marcha atrás repentina, de o induzir a não fazer prevalecer a sua medida? Só a afeição a Cristo.

Mas o drama continua. Chegam os soldados para prender Jesus no horto. «Nessa altura, Simão Pedro, que trazia uma espada, desembainhou-a e arremeteu contra um servo do Sumo Sacerdote, cortando-lhe a orelha direita». Era mais forte do que ele, a sua afeição arrastava-o! Mas nem com Pedro Jesus cede a uma afeição sem razões e desafia a sua medida: «Mete a espada na bainha. Não hei-de beber o cálice de amargura que o Pai me ofereceu?» (Jo 18,10-11). À superfície, muitas coisas não faziam sentido para Pedro, mas não lhe passava sequer pela antecâmara do cérebro afastar-se d’Ele. Pedro não conseguia permanecer fechado na sua medida, porque a Presença que tinha entrado na sua vida tinha suscitado nele uma correspondência total às exigências do coração, tinha introduzido em cada prega dos seus dias uma plenitude de tal forma inaudita que alargava a sua razão, fazendo com que Pedro se tornasse mais ele mesmo. Para se separar de Jesus, teria tido de se renegar a si mesmo, negar tudo o que tinha vivido. Ele aceita, portanto, deixar entrar uma outra medida, a medida de Outro. Jesus podia comunicar a Pedro uma outra medida porque Ele, em primeiro lugar, tinha atravessado todo o drama que Pedro iria ter de atravessar. Nem mesmo a Jesus corresponde imediatamente o que está para acontecer; com efeito no Horto das Oliveiras diz: «Pai, se possível, afasta de mim este cálice; não se faça porém o que eu quero, mas o que Tu queres». Dizendo isto, Jesus renuncia à Sua razão ou abre-a a um desígnio maior? «Esta confiança original no Pai, não ofuscada por nenhuma divergência, funda-se na comunhão do Espírito Santo com o Pai e o Filho: o Espírito conserva viva no Filho a imperturbável confiança, graças à qual qualquer disposição do Pai – ainda que fosse a transformação da separação pessoal em abandono [como vamos ouvir hoje: «Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonastes?», ainda que fosse isto] – jorrará sempre do amor [do Pai. Percebem a natureza do drama?], à qual agora, uma vez que o Filho se fez homem, será preciso responder com

uma obediência humana» (H.U. von Balthasar, *Se non diventerete come questo bambino*, Piemme, Casale Monferrato (AL) 1991, p. 31).

É assim que Jesus vence, é aqui que se encontra a raiz da vitória de Cristo sobre o nada: o modo de vida do Filho é a vitória sobre o nada. Também Pedro terá de atravessar o mesmo drama. No seu ímpeto, assim como desembainha a espada, do mesmo modo tinha sustentado: «Eu nunca Te abandonarei!» (cf. Mc 14,29; Mt 26,33), mas diante da serva que diz: «Tu também estavas com ele?», responde: «Não o conheço», por três vezes. «E, no mesmo instante, estando ele ainda a falar, cantou um galo. Voltando-se, o Senhor fixou os olhos em Pedro; e Pedro recordou-se da palavra do Senhor, quando lhe disse: “Hoje, antes do galo cantar, irás negar-me três vezes”. E, vindo para fora, chorou amargamente» (Lc 22, 54-62). Aquele pranto amargo faz a diferença entre Pedro e Judas: ambos traíram Jesus mas, enquanto Pedro chora de dor, Judas suicida-se por desespero. Não tinha paz, Judas; não queria ser um «enfileirado» – achava ele – como Pedro; queria – diríamos nós – manter a sua criticidade e a sua autonomia. Pelo contrário, Pedro chora amargamente.

Estas duas figuras mostram que o drama se desenrola todo no eu, no coração de Pedro e no coração de Judas. Porquê o drama? Por causa da esperança que Ele tinha suscitado neles: se ela é acolhida, a vida terá um resultado positivo; se, pelo contrário, vence a negação daquela esperança, o resultado será a vitória do poder. O olhar de Jesus a Pedro, que faz jorrar o pranto, mostra até que ponto a paixão de Jesus pelo seu amigo não diminui nem sequer naquele momento, nem sequer diante da sua tripla negação, quando Pedro é arrastado pela sua fragilidade: o Senhor voltou-se e fixou o olhar em Pedro. Por isso, nem o mal clamorosamente feito consegue arrancar Pedro da sua ligação a Jesus. Amor e incoerência a nós parecem-nos incompatíveis, porque identificamos o amor com a coerência. Mas na experiência profunda não acontece assim. Pedro demonstra-o: mergulhou na incoerência mais absoluta, mas esta incoerência não prevalece sobre a ligação a Jesus, como demonstra o seu pranto. O sinal da sua afeição inquebrantável será para sempre a sua dor. É precisamente aquela dor que é, com efeito, o sinal evidente, inequívoco, do seu amor por Cristo. Só diante de uma pessoa amada se pode sentir dor pelo nosso mal. A dor é o sinal do amor.

Mas depois de se ter mergulhado na dor, como se recomeça? O drama de Pedro não acaba. Aliás, atinge o seu vértice diante da pergunta mais impensável que poderia ter ouvido depois da sua mais clamorosa traição, ou seja, a sua negação. Há desafio maior do que aquele que lhe fez Jesus? «Pedro, amas-Me?» (Jo 21,16). Nenhuma outra pergunta poderia ter desafiado mais a medida de Pedro, ou seja, a razão de Pedro reduzida a medida. Jesus não quer ser seguido por enfileirados sentimentais. Por isso entra no coração de Pedro através da única porta verdadeiramente humana: a razão. Ele desafia Pedro com o amor implicado naquela pergunta. E investindo-o com a Sua afeição irredutível, única, Cristo permite que a razão de Pedro não se torne racionalista. Que alcance tem isto para nós? Se o coração não alarga a razão, não há nada a fazer: a medida prevalece. Mas o coração é «a condição para uma sã verificação da razão», disse-nos *don* Giussani. «A condição para que a razão seja razão é que seja investida pela afetividade e assim mova o homem todo. Razão e sentimento, razão e afeição: é este o coração do homem» (L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., p. 117). Quando se separa da afeição, como em Judas, a razão enlouquece; quando, pelo contrário, não se separa, como em Pedro, porque foi desafiada pela pergunta de Jesus – «Simão, amas-Me?» –, recomeça a partida.

Com esta pergunta: «Amas-Me?», Jesus renova o drama que parecia já estar definitivamente concluído com uma derrota. Se Jesus não tivesse reaberto aquele drama com a sua pergunta, não teria havido história e tudo o resto teria sido inútil, não teria restado nada, o nada teria vencido (Pilatos, Herodes, o Sinédrio). Mas isto é válido para nós hoje: se Jesus não reabrisse continuamente o nosso drama, a nossa vida não se construiria, venceria o nada, porque sozinhos nós não somos capazes de sair da nossa medida. Isto só se torna possível se eu for investido de um amor como aquele de Cristo por Pedro. «O “sim” de Pedro é construído sobre este perdão [...]. É por isso que o *Abade* diz a

Miguel Mañara que tudo aquilo que ele possa ter feito no seu passado fica reduzido a zero. É preciso [verdadeiramente] um poder infinito para reduzir a nada o que existe». Com efeito, continua *don* Giussani, «o perdão é [...] uma redução a nada de todo o mal que fiz. Mas também de tudo o que farei, porque dentro de um mês, dentro de um ano, terei de dizer formalmente o mesmo que hoje» (L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., pp. 132-133). Tudo isto nunca existiu: só Ele é. Sabem-no bem as mães e os pais que «apagam a recordação das pequenas ou grandes asneiras que as crianças cometem» (*ibidem*, p. 133) todos os dias. E tudo pode recomeçar, renascer. A menos que uma pessoa recuse este perdão. Contaram-me de uma baby-sitter japonesa que, diante do perdão que via a mãe conceder constantemente aos seus filhos, um dia diz-lhe: «Não volto a trabalhar mais aqui!». «Por quê?», pergunta-lhe a senhora. «Porque não consigo suportar que a senhora perdoe os seus filhos, nem a mim». Para ela, seria preciso eliminar do vocabulário aquela palavra! O perdão introduz na vida uma novidade revolucionária, desafia radicalmente a nossa medida. Para aquela baby-sitter o desafio era inaceitável, o escândalo era demasiado grande.

Deixar-se gerar pelo perdão não é imediato, ainda que seja simplicíssimo. Esta é a última provocação à nossa liberdade e à nossa razão, porque quando uma pessoa é ferida e guarda ressentimento – antes de mais para consigo mesma, devido ao erro feito, ao mal praticado – fica como que paralisada. Um sinal inequívoco do perdão aceite é, por isso, que a pessoa desbloqueia. Eis, então, a condição para que floresça em nós a humanidade nova: aceitarmos ser perdoados. Não nos deixarmos gerar pelo perdão de Cristo, é esse o nosso diário arrancá-Lo da terra dos vivos: aqui quem está a negá-Lo não é o poder constituído, mas o poder da nossa liberdade. E por isso, como Judas, faz-se o jogo do poder, quer seja laico, quer seja clerical. É o prevalecer da nossa medida sobre a Vida que nos gera, sobre a esperança que Ele suscitou em nós.

Por isso do «sim» de Pedro – que parece escondido pelo drama que desde aquele momento se desenrola na grande tela da história – surge o povo novo. O «sim» de Pedro é a origem do povo novo do qual fazemos parte. *Don* Giussani, genialmente, coloca o «sim» de Pedro na origem, e estabelece a conexão entre a vocação pessoal e o desígnio universal de Deus. É a partir da experiência pessoal do perdão aceite que se pode participar no desígnio universal de Cristo, na piedade de Cristo. Só quem renasce do perdão pode comunicar este acontecimento novo e, portanto, fazer ressurgir cada “Pedro” que encontra pelo caminho. Não por força de um papel, mas porque foi perdoado. Uma pessoa só pode fazer chegar a outra o olhar de Cristo que ela fez renascer. Só pode reconstruir quem foi e é continuamente reconstruído. Reside aqui o triunfo da piedade que Cristo tem pelo homem.

Não basta uma recordação piedosa para recomeçar a partida. Nem mesmo tudo aquilo que Pedro tinha vivido teria bastado: é preciso Alguém presente. Quem não se deixa gerar agora, não poderá sair sozinho da sua própria medida, que levará sempre a melhor sobre si. Ninguém gera se não é gerado no perdão. O povo novo nasce deste perdão.

Neste momento, peçamos para entrar neste drama, pessoal e histórico. O gesto que estamos a realizar não é, portanto, uma simples recordação do passado: trata-se, com efeito, dum acontecimento que permanece – Cristo é contemporâneo, está a acontecer agora – e que levanta o mesmo drama do início, o mesmo drama de Pedro e Judas, aqui e agora.

Tradução de: Maria Ramos Ascensão